

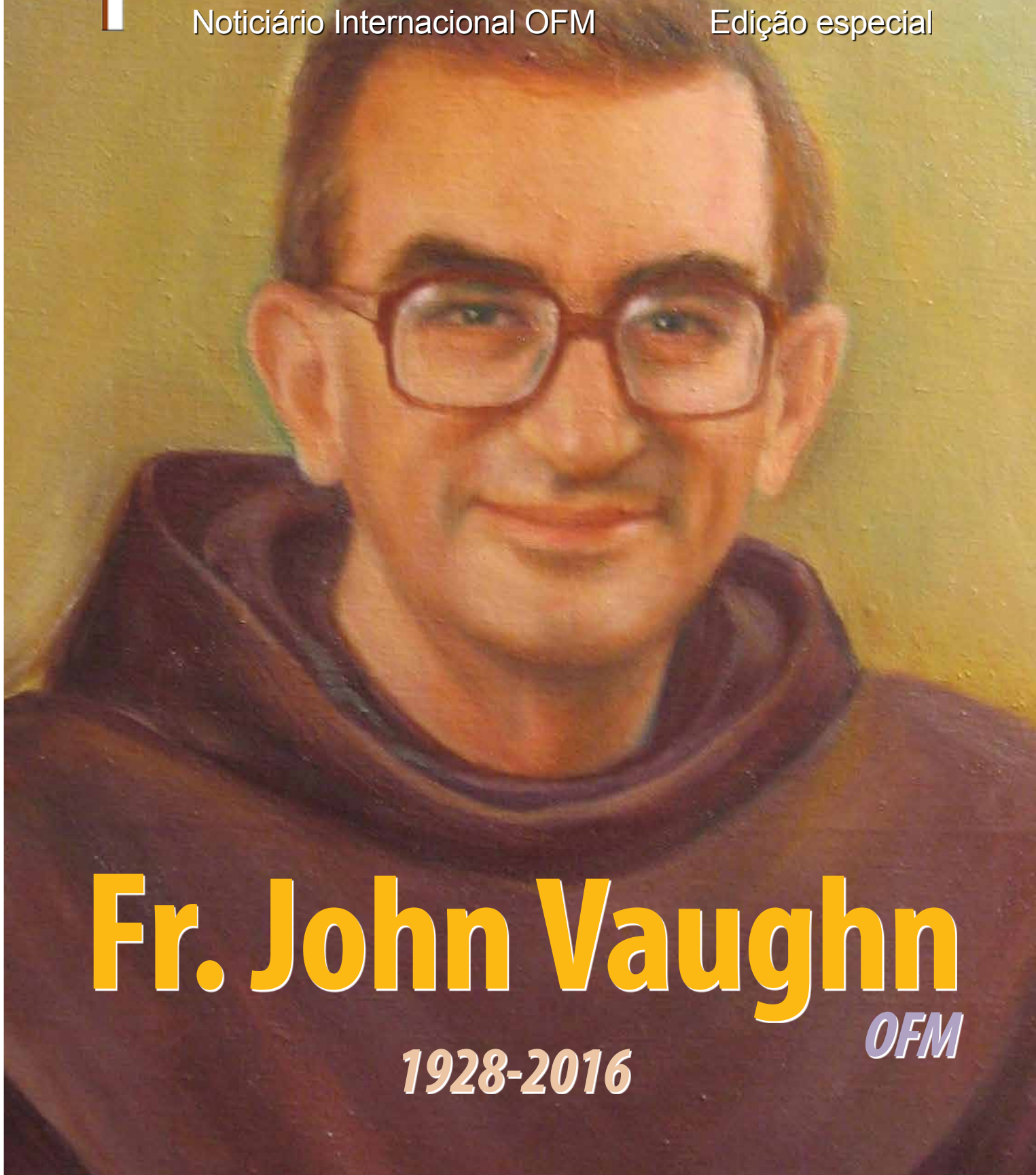
VOLUME XLVII • EDIÇÃO 237

NOVEMBRO 2016

Fraternitas

Noticiário Internacional OFM

Edição especial



Fr. John Vaughn

1928-2016

OFM

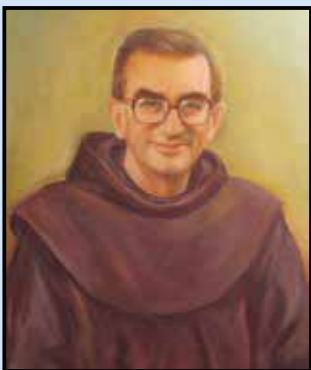
- 2 Biografia, Quem era Fr. John Vaughn?
- 4 Carta à Ordem
(03 de dezembro de 1979)
- 4 Carta à Ordem: «A África nos chama» (16 de janeiro de 1981)
- 5 Documento do Conselho plenário da Ordem (06 a 25 de janeiro de 1983)
- 7 Relatório ao Capítulo geral
(13 de janeiro de 1985)
- 7 Mensagem por ocasião da festa litúrgica de Duns Scot
(08 de novembro de 1986)
- 8 Mensagem por ocasião da inauguração do Ano Acadêmico do PAA (09 de novembro de 1987)
- 8 Discurso de abertura do Conselho Plenário em Bangalore
(1º de maio de 1988)
- 9 Carta à Ordem sobre China
(24 de agosto de 1989)
- 9 Carta à Ordem
(04 de outubro de 1989)
- 10 Relatório do Congresso Internacional aos Mestres dos Professores temporários
(14 de outubro de 1990)
- 10 Ratio Formationis Franciscanae
(11 de março de 1991)
- 11 Relatório ao Capítulo geral
(23 de abril de 1991)
- 11 Documento do Capítulo geral de san Diego, USA.
(02 de julho de 1991)
- 13 Procurava fazer de J. Serra um santo
- 14 Funeral



Fr. João Vaughn passou à vida eterna no dia 10 de outubro de 2016, em Santa Barbara, Califórnia-USA. Tinha 88 anos de idade, 67 de vida religiosa na Ordem dos Frades menores e 61 anos de sacerdócio. Frade humilde e doce, era amado e admirado por todos os que o conheciam, especialmente em sua Província religiosa Santa Barbara, no oeste dos Estados Unidos da América.

Giovanni David Vaughn nasceu em Santa Ana, CA, filho de Morgan Leonard Vaughn e Jane Stack. Frequentou a escola em Los Angeles, durante um semestre, antes de entrar no Seminário franciscano Santo Antônio, em Santa Bárbara - CA. Vestindo o hábito franciscano, tornou-se membro da Ordem dos Frades Menores, no dia 11 de julho de 1948, na Missão S. Miguel, CA, assumiu o nome Manuel. Um tempo depois, decidiu retornar a seu nome de batismos, João.

Como professo de votos simples, Fr. João completou os anos do colegial na Missão S. Luís Rey, fazendo os votos solenes no dia 12 de julho de 1952. Durante os anos de seminário, Fr. João era bem conhecido por sua bela voz. Depois dos estudos de Teologia na Missão Santa Bárbara, foi ordenado sacerdote por Mons. Timóteo Manning, Bispo de Los Angeles, no dia 17 de dezembro de 1955.



COPERTINA "FR. JOHN VAUGHN, OFM"

EDITOR/SETTING/RICERCA:

FR. MANOLO FIGUEROA OFM, FR. ALVIN TE OFM,

FR. LUIGI PERUGINI OFM

TRADUTOR: DARCISIO URBANO ROBAERT OFM

© UFFICIO COMUNICAZIONE OFM - ROMA

E-MAIL: FRATERNITAS@OFM.ORG

WWW.OFM.ORG

QUEM ERA FR. JOHN VAUGHN?

Como primeiro encargo, Fr. João foi enviado, por alguns meses, como Vigário paroquial, à igreja S. Francisco, em Sacramento, CA. Então, após alguns meses de estudo em Guadalajara, México, tornou-se Professor no Seminário Santo Antônio, Bibliotecário e Vice-Prefeito de Formação (1957-1962). Foi, então, nomeado Vice Mestre de noviços e Vigário paroquial da Missão S. Miguel, CA.

Considerando sua inteligência e sua boa espiritualidade, os Superiores o enviaram a aperfeiçoar os estudos na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. Ao retornar aos Estados Unidos, em 1969, foi enviado ao convento S, Francisco, em Sacramento, CA, no encargo de Mestre dos noviços de sua Província, Superior do Convento, Pároco e Diretor da Fraternidade local da Ordem Franciscana Secular. Muitos encargos ao mesmo tempo! Em 1973, ainda em Sacramento, foi eleito Vigário provincial de sua Província Santa Barbara.

No dia 25 de maio de 1976, Fr. João foi eleito Ministro Provincial de sua Província Santa Barbara, cuja sede se encontra em Oakland, CA.

O tempo como Ministro provincial foi breve. No dia 03 de junho de 1979, Fr. John Vaughn foi eleito Ministro geral da Ordem franciscana dos Frades Menores e, por isso, teve que transferir-se a Roma. Depois dos primeiros seis anos de Governo, foi reeleito Ministro geral por mais seis anos.

Em suas visitas às Fraternidades, em diferentes partes do mundo, os Frades o encontraram como amigo, aberto e encorajador. Desejava cumprir trabalhos humildes, como lavar os pratos e fazer outras tarefas manuais. Nos encontros era paciente, respeitando a individualidade dos Frades. Quando devia tomar alguma forte decisão, fê-lo sempre pelo bem da Fraternidade.

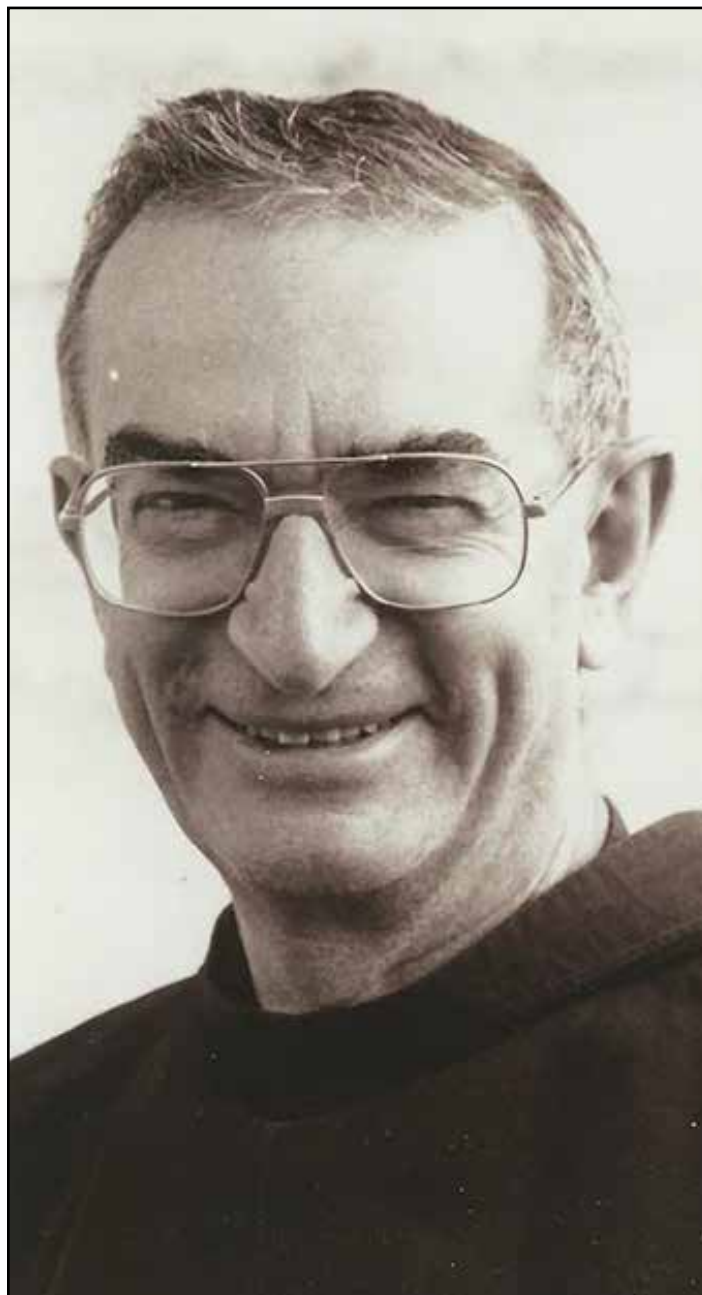
Em 1991, terminado seu segundo mandato como Ministro geral, Fr. João reservou-se um tempo de repouso na região de S. Francis Bay, antes de aceitar novo encargo de Mestre dos noviços, na missão S. Miguel, e isso em 1994.

Em 2003, transferiu-se à Missão Santa Bárbara, com a missão de promover a canonização de Fr. Junípero Serra, além de trabalhar na paróquia e junto às Monjas Clarissas. Fr. João, nos últimos anos, teve problemas de visão, mas nunca deixou de marcar presença ativa e de inspiração para sua fraternidade.

Quase esquecendo os pesados e importantes encargos no passado, Fr. João jamais perdeu a própria personalidade: delicado e atencioso com todos, jamais sentiu-se importante, se sentia Frade entre os confrades.

“In paradisum deducant te Angeli; in tuo adventu suscipiant te martyres, et perducant te in civitatem sanctam Ierusalem. Chorus angelorum te suscipiat, et cum Lazaro quondam pauper aeternam habeas requiem.”

Ao paraíso te conduzam os anjos; em tua chegada te acolham os mártires e te levem à cidade santa Jerusalém; o coro dos anjos te receba e com Lázaro, uma vez pobre, tenhas o eterno repouso.

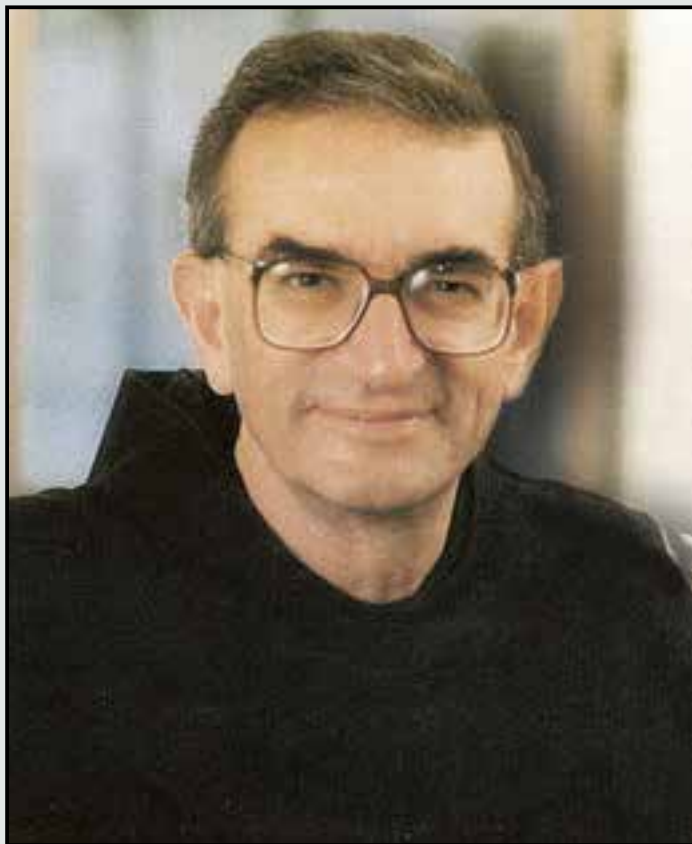




TEXTOS DE FR. JOHN VAUGHN

03 de dezembro de 1979 (Da Carta à Ordem)

Em nosso serviço à Ordem, queremos sublinhar, de modo especial, a inspiração que é o núcleo central de nosso estilo de vida franciscano. Jesus é nosso Caminho, nossa Verdade e nossa Vida. Tornando-se pessoa humana, afirmou a dignidade de cada pessoa humana. Devemos perseguir o mesmo objetivo, reconhecendo a dignidade da cada Frade e encorajar cada esforço dos Frades a respeitar a dignidade da cada pessoa. Devemos apreciar a cultura de cada um, como parte integral da personalidade humana. Isso é especialmente importante hoje, se considerarmos, que tanto a pessoa como a dignidade da pessoa humana estejam ameaçadas pelas estruturas e instituições. Devemos estar próximos aos varões e mulheres de hoje, partilhando sua condição de vida, seus problemas. Aprendendo deles, encorajando, inspirando, partilhando, protegendo, de modo que todos possam viver em condições melhores de justiça e paz. Queremos estar próximos a cada Frade, empenhado na promoção dos verdadeiros valores.



A mensagem de paz e amor é nossa mensagem. "Olhemos para Aquele" que pode ver-nos em nosso serviço para com a humanidade, em nossa promoção do Reino do Pai. Seguros em interpretar os sentimentos de Confrades, empenhamo-nos a ser sempre fiéis à Igreja de Roma e aos ensinamentos do Vigário de Cristo na terra.

Será nossa constante preocupação esclarecer nosso papel franciscano na Igreja local, na Igreja universal, no mundo de hoje.

Creemos que, assim fazendo, a Ordem continue a espalhar-se pelo mundo, com toda a diversidade e multiplicidade. Demos muita importância a cada franciscano e a cada Fraternidade franciscana, seja ela pequena ou grande.

16 de janeiro de 1981 (Da Carta à Ordem: a África nos chama)

Os 2.000 jovens, que chegaram a Assis de todas as partes do mundo a fim de celebrar o VIII Centenário do nascimento de S. Francisco, e os 15.000, que se reuniram na Basílica de S. Pedro, em Roma, para cantar e rezar durante a vigília, foram sinal para todos nós, a fim de que olhássemos para o futuro com grande confiança e viva esperança pelo testemunho franciscano no mundo contemporâneo

Para dar expressão concreta a essa confiança, o Governo central da Ordem decidiu submeter a todos os Frades da Ordem um projeto missionário concreto. Trata-se do Projeto África e tem como objetivo estabelecer nova presença franciscana na África. É projeto de longa duração, em que frutos terão efeito permanente sobre o desenvolvimento de nossas Fraternidades na África e sobre toda a Ordem. Creemos que o Centenário do nascimento de S. Francisco seja o momento mais adaptado para envolver a Ordem nesse desafio. Parece-nos que também seja ocasião propícia para preparar nossa Ordem a enfrentar o Terceiro Milênio. A explícita escolha do continente mais jovem demonstra amplamente, assim o cremos, nossa confiança no futuro da Fraternidade, que S. Francisco iniciou na pequena Assis.

Apresentamos esse projeto por ocasião de VIII Centenário do nascimento de S. Francisco, porque vimos muitos sinais de que essa celebração chamou a atenção de muitos, seja dentro como fora da Ordem.

Somos muito gratos pelo que muitos Frades organizaram a fim de celebrar esse Centenário em suas comunidades, Províncias e Nações. Encorajamos os Frades envolvidos em organizar celebrações internacionais. Menção especial merecem os Congressos históricos de Roma (cf. "Fraternitas", maio-junho de 1980, p. 8) e de Paris e o Congresso de Missiologia de 1982 (cf. "Fraternitas", abril de 1980, p. 1-2). Esperamos que os planos para um encontro de Frades empenhados nos países muçulmanos possam ser realizados neste ano. Desejamos agradecer novamente a todos os que se esforçaram pelo bom êxito do Congresso Juvenil de Assis-Roma, em 1981. Com grande alegria recordamos o entusiasmo de centenas de jovens que visitaram nossa Cúria, depois da Vigília na Praça S. Pedro e somos gratos à Fraternidade da Cúria pela generosa hospitalidade oferecidas a jovens.

Agra, desejamos expor-lhes o Projeto África. Daremos alguns breves acenos sobre nossa História na África, exporemos o plano e, em seguida, iremos expor as motivações dessa iniciativa e as dificuldades em sua realização. Seguirão algumas indicações sobre porque nós nos podemos a alguns países africanos e sobre como cremos que devemos proceder, após a publicação do plano.

Estamos confiantes de que todos vós o estudareis e sobre ele refletireis mui seriamente. Também vos pedimos de rezar para sermos seguros no que emprendermos no futuro e tenha a guia e a proteção do Espírito Santo.

06 a 25 de junho de 1983. (O Evangelho nos desafia. Documento do Conselho Plenário da Ordem)

1. O Conselho Plenário de 1983 reuniu-se na cidade de Salvador-Bahia, onde os Frades chegaram pela primeira vez em 1500.



Chegamos aqui a fim de refletir sobre o documento de trabalho «Evangelização e Missão na Ordem» num contexto de Terceiro Mundo, na América Latina, onde, como diz o Ministro geral Fr. John Vaughn, «A criatividade e as inovações na evangelização e na missão tiveram um rico desenvolvimento».

2. Os brasileiros, falando do Estado da Bahia, chamam-no «a terra da felicidade». Encontramo-nos, contudo, em uma cidade de contrastes gritantes: construções modernas para escritórios dominam sobre estruturas velhas seculares; espalhados entre condomínios de gente rica surgem centenas de favelas. Numa cidade de um milhão e meio de habitantes, seiscentos mil vivem em favelas, e esses não constituem senão uma pequena porcentagem de milhões de pessoas, obrigadas a viver em semelhantes aglomerados de barracas em outras cidades brasileiras. As estatísticas oferecidas pelo Brasil são o espelho da pobreza sofrida em muitos outros países: 1% são riquíssimos, 4% de ricos, 15% de classe média, 40% de pobres e 40% de miseráveis.

3. Visitamos favelas com cabanas paupérrimas, esgotos malcheirosos a céu aberto, em que crianças e pais vivem sem esperança. Falamos com as pessoas, com Frades e outros que vivem e trabalham naquele miserável ambiente. Muitos deles foram empurrados para a cidade por causa da seca ou pior, por ser expulso da própria terra. Vieram procurar trabalho onde não há trabalho. Os esforços para melhorar a própria vida



ao Governo nem a muitos dos mais ricos. A ação deles tomou consistência eficaz e bem definida através de um plano pastoral realista e controlável em todo o país. Coração e alma desse plano são as cem mil «comunidades eclesiais de base» das quais podemos aprender muito.

[...]

8. No discurso de abertura do Conselho Plenário de 1981, nosso Ministro geral, Fr. John Vaughn, disse com muita simplicidade: «nossa vocação nos envia a anunciar o Evangelho às nações... A gente espera de nós que denunciemos a guerra, a

foram, conseqüentemente, frustrados. Num quadro de tanta indignação, amadurecemos estas reflexões.

4. O que vimos no Brasil, sabemos bem, espelha a pobreza que existe em todas as partes do mundo. Cada um de nós contou situações mais ou menos idênticas, que existem em nossas próprias nações: do Norte, Sul, Este e Oeste. As mesmas barracas, desocupação, subdesenvolvimento, violência e repressão, miséria causada por calamidades naturais. Estiveram presentes em nossas mentes, como em nossa oração, durante as sessões: histórias de abortos forçados, prisões injustas e martírios de hoje, a saber, quinze milhões de refugiados, que vagueiam de lá para cá, no mundo inteiro.

5. Tentamos fazer o que o Papa Paulo VI pediu na «Evangelii nuntiandi»: olhar para a realidade concreta, social, econômica e política em que se vive. Apesar de termos visto o rosto da pobreza em outros lugares, aqui no Brasil, assim o esperamos, fizemos a experiência perturbadora, que ajudou a vê-la com os olhos de Jesus e de Francisco. Refletimos sobre a realidade que temos diante de nós, sobre o Evangelho e sobre nossa missão franciscana. Com fé e convicção dizíamos o que vimos e escutamos e o que descobrimos: a necessidade de sermos evangelizados antes de evangelizar os outros.

6. O Cardeal Fr. Aloisio Lorscheider falou-nos sobre a conversão dos Bispos brasileiros, os quais assumiram o cargo de forte esforço a favor dos pobres; a opção preferencial pelos pobres, que não os torna agradáveis

corrida pelas armas, a fome e a injustiça no mundo; espera de nós que façamos alguma coisa a fim de realizar aquilo pelo qual rezamos e pregamos... espera de nós que sejamos como mediadores dos valores do Evangelho na cultura e sociedade de hoje».

9. No discurso de abertura deste Conselho Plenário, ele repetiu seu apelo: «agora temos a informação. Agora temos a documentação, temos a inspiração de muitos Frades apóstolos, que nos abriram a estrada. Aquilo que parece necessário hoje é a imaginação e o estímulo... Podemos fazer grandes coisas com a ajuda de Deus e sua graça, mas devemos pôr-nos de pé logo e começar a trabalhar! ».

10. Nossa mensagem «O EVANGELHO NOS DESAFIA» quer ser resposta às suas palavras. Cremos que isso constitua um passo em direção à nossa evangelização. Cremos possuir a Boa Nova! Com essas nossas reflexões oferecemos um pouco daquela Boa Nova a vós, nossos confrades espalhados em tantas partes do mundo, onde viveis e trabalhais em meio ao povo de Deus.

11. Somos gratos aos pobres que são nossos mestres. Somos gratos a todos os que, com alegria, servem os pobres e abandonados. Enfim, estamos contentes por vos oferecer essas dicas enraizadas no Evangelho e em nosso carisma franciscano, por poder ser úteis à nossa evangelização pessoal e à evangelização deste mundo que tanto amamos...

13 de janeiro de 1985 (Do Relatório ao Capítulo geral - 1985)

Parece-me oportuno apresentar este Relatório ao Capítulo nestes termos: a palavra de Deus deve ser a base de nossa vida cristã de Franciscanos, a Palavra Encarnada como a apreciou e amou S. Francisco. É a Palavra de Deus que deve nutrir e inspirar nossa vida fraterna de oração, de comunhão e de serviço. Somos chamados a imitar o Cristo pobre e crucificado, a Palavra feita carne. A Palavra de Deus é a inspiração e o conteúdo daquilo que fazemos como Frades menores: nossa vida é pregar o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo-o e anunciando-o, quando e como o Senhor nos inspirar.

Nossa vocação especial de Frades Menores é a de evangelizar, recebendo nós primeiramente a Boa Nova, na fé e no modo como o fez nosso Pai S. Francisco, iniciando a converter-nos e a fazer penitência «deixando o mundo» (cf. Testamento).

A palavra que nos chama a reformar nossas vidas se faz ouvir especialmente enquanto nos preparávamos para o Capítulo geral: à luz do Espírito Santo, queremos examinar o estado da Ordem, hoje, e, depois, tomar decisões. Isso quer dizer que devemos examinar o que procuramos fazer e o que realmente fizemos. Por isso devemos avaliar, a fim de corrigir o que foi feito de forma errada e confirmar o que é justo. Esperamos que essa leitura de nossa realidade, à luz do Evangelho, nos ajude a ver melhor para onde o Senhor quer que caminhemos no futuro.

[...]

Espero que, ao examinar nossa chamada, nos submeteremos à correção e renovaremos nosso entusiasmo como Frades Menores. Espero que deixemos o Capítulo, ouvindo que somos enviados pelo próprio S. Francisco a ir pelo mundo, juntos com nossos irmãos, a fim de difundir a Paz e o Bem que o mundo tem direito de esperar de nós, sob base daquilo que dizemos de ser.

Nossa preparação: em espírito de oração, queremos refletir sobre aquilo que nossa Ordem deveria ser, neste momento de sua história; quais ideais deviam ser encorajados? Quais desafios estão na frente? O que devemos

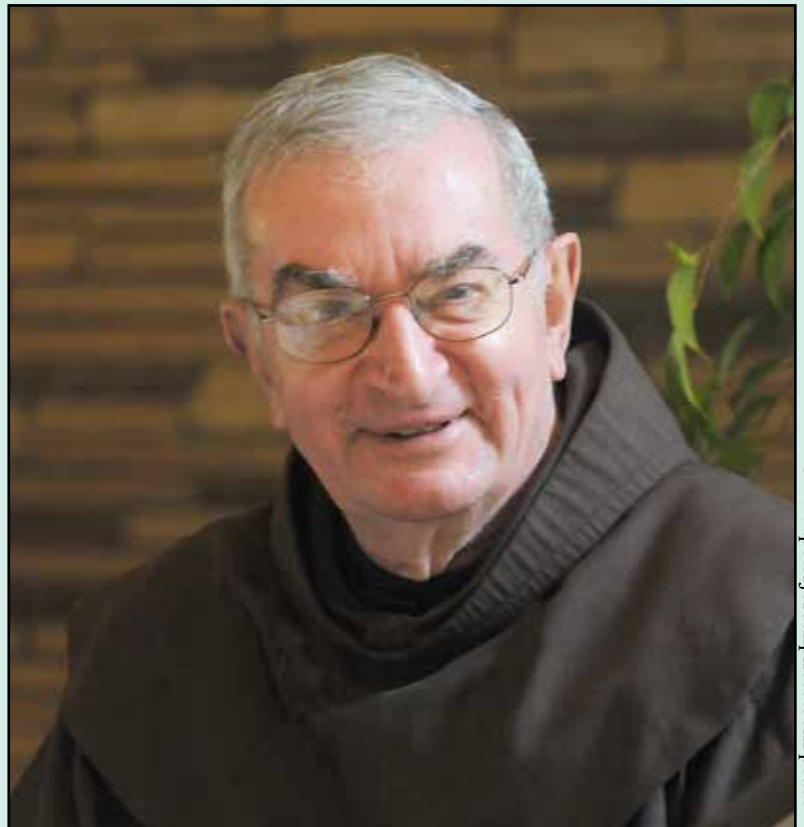
evitar, corrigir, mudar? O que aprendemos, nesses seis anos passados, da experiência de nossas Províncias e de nossos países?

Durante o Capítulo, teremos a possibilidade de refletir em conjunto sobre aquilo que temos preparado individualmente; queremos ter a mente aberta, livre para aceitar novas ideias, capazes de escutar o que o Espírito Santo nos quer dizer. Pediremos um coração e espírito novos a fim de levá-lo aos nossos irmãos.

08 de novembro de 1986 (Mensagem por ocasião da festa litúrgica de João Duns Scot)

Scot demonstra, desde sempre, aos Franciscanos que se pode ser ótimo franciscano e, ao mesmo tempo, estudioso original e criativo. Também demonstra que o estudo não se opõe à simplicidade e que não há conflito entre estudo e pobreza franciscana; o estudo é também autêntico caminho franciscano tanto quanto o do trabalho manual ou da atividade apostólica.

O Doutor Sutil foi grande estudioso, de inconfundível rigor crítico e metodológico, mas também grande espírito religioso, com estrutura intelectual e



©www.peterjordandphoto.com/peace

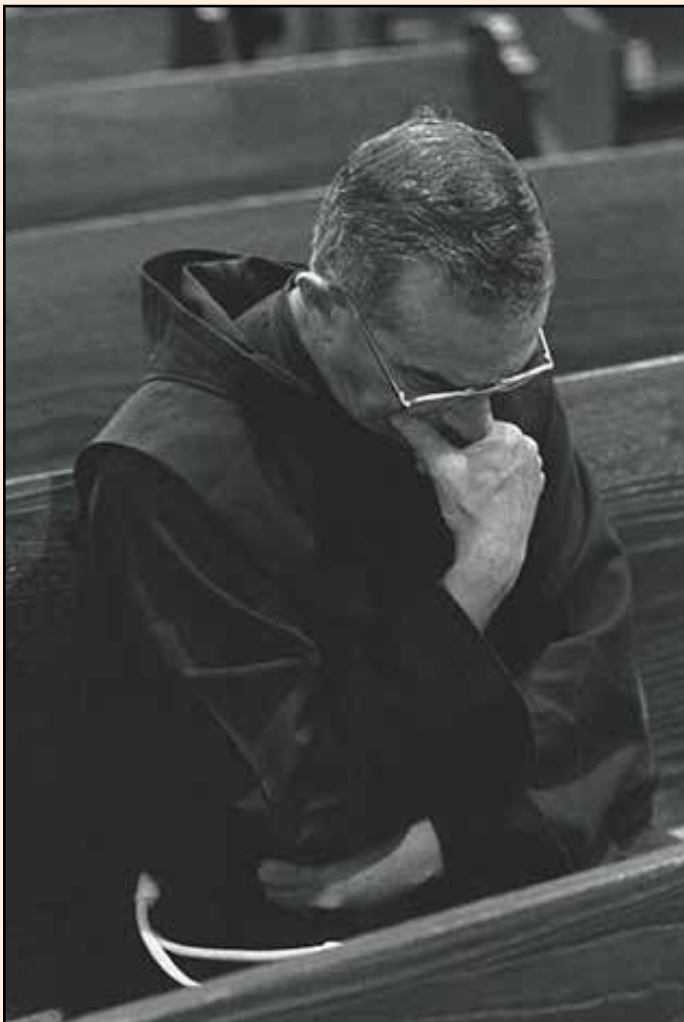


TEXTOS DE FR. JOHN VAUGHN

existencial forjada na escola de S. Francisco. Ademais, a experiência do Pobrezinho de Assis, colocada como fundamento da elaboração do sistema é a característica dos grandes mestres do pensamento franciscano. Tanto na concepção scotista do homem quanto na de S. Boaventura, a existência humana é profundamente assinalada pelo desejo de Deus, como é em direção «àquele mar infinito do Ser» (Ox. I, d. 13, q. un, n. 16).

09 de novembro de 1987 (Da mensagem por ocasião da inauguração do Ano Acadêmico do PAA)

Estou convencido de que exatamente os Franciscanos são os herdeiros e responsáveis por uma das mais ricas experiências geradas pela Idade Média. Em S. Francisco de Assis se realiza o encontro



extraordinário entre as exigências do Evangelho e as instâncias profundas dos homens de seu tempo. S. Francisco apresenta aos homens de seu tempo, e ao homem de sempre, um dos modos mais autênticos de seguir o Deus do Evangelho. A originalidade profunda de S. Francisco, ao querer a volta pura e simples ao Evangelho, é consequência da profunda sensibilidade à inspiração, aos ambientes e às irresistíveis mudanças, que aconteciam em seu tempo.

A fidelidade ao Evangelho e a sensibilidade em colher o fermento do tempo levam a uma nova concepção do homem e das criaturas. Assim, Francisco entra definitivamente no coração da História, princípio de nova sociedade, cuja validade é percebida somente hoje.

A experiência de um Deus pobre e humilde, feita por S. Francisco, leva à relação fraterna e humana de todas as criaturas. Vem, ainda hoje, ao encontro dos grandes anseios humanos, especialmente dos pobres e pequenos. Contém os verdadeiros pedidos do homem e o segredo do futuro do mundo.

A atualidade de S. Francisco de Assis, sobretudo no que se refere a ele em termos de paz, justiça e ecologia, o respeito pelo homem e seus direitos, a fraternidade universal, indica verdadeiramente que a Idade Média é terra fértil na qual, sobretudo, nós Franciscanos de hoje devemos pôr as raízes profundas a fim de compreender melhor nossa herança.

Essa herança é nossa tarefa no mundo de hoje: reformar a casa do Senhor (cf. LM II 1), construir o mundo de hoje com sensibilidade e simplicidade evangélicas de S. Francisco.

Dupla é, portanto, a razão para estudar a Idade Média, sobretudo, para nós Franciscanos: conhecer melhor nossa identidade, sermos capazes de responder ao Evangelho, segundo as exigências de nosso tempo.

01 de maio de 1988 (Do discurso de abertura do Conselho Plenário de Bangalore)

O Conselho Plenário é ocasião para celebrar e reforçar nossa união e herança comum de Frades Menores. Faremos isso de forma ótima se permitirmos ser inspirados, evangelizados pela Palavra de Deus,

e falarmos uns aos outros com aquela confiança fraterna que S. Francisco disse que deve caracterizar os irmãos espirituais. Queremos escutar-nos mutuamente, com respeito, sabendo que seremos mais enriquecidos por isso quando iremos embora.

Antes de tudo, gostaria de começar por expor-vos algumas observações, entre essas, algumas são escavadas nas discussões que tivemos no Definitório; outras são mais pessoais, extraídas de meus encontros com os Frades, nesses últimos anos,

24 de agosto de 1989 (Da Carta à Ordem sobre a China)

Nós, Frades Menores, como tantos outros no mundo inteiro, lemos jornais e revistas e olhamos programas televisivos sobre a China. Todas essas informações criam em nós viva preocupação fraterna por aquele Povo pelo qual sentimos verdadeira amizade. As notícias dizem respeito à China, terra que fascinou a nós Frades, desde o começo de nossa história. Do que somos testemunhas através dos meios de comunicação toca as vidas de nossos coirmãos para os quais China é pátria e de um povo com o qual partilhamos nossa fé. Aquilo que começa como hábito de estar ao par dos acontecimentos mundiais muda-se em oração pelo Povo chinês e em desejo de estender nossa mão amiga e de abraçá-los na fé.

Nossa Ordem foi a primeira comunidade religiosa que entrou na China, quando João de Monte Corvino chegou a Pequim, em 1294. Participamos na evangelização do grande povo e de sua cultura, em quatro etapas da história da Igreja na China: na Idade Média, no período da expansão cristã no século décimo sexto até o século dezoito; no período dos tratados unilaterais do século dezenove até 1945, e em 1949, com ao surgimento da República Chinesa Socialista. Esse esforço contínuo dos Franciscanos é de notável significado para a Igreja. Os historiadores recolheram os dados e continuam a organizar seus resultados, a fim de que os teólogos e os fiéis possam refletir sobre



o modo como o Espírito do Senhor opera nos povos.

Hoje, a comunidade franciscana continua a empenhar-se pelo Povo chinês. Um grupo de quarenta e sete Frades, espalhados pelo continente, procura viver a vida franciscana de modo genuinamente chinês e católico. Todos devem afrontar a realidade de seu país no que toca em sua vocação e ministério. Alguns evitaram todo contato com a Associação patriótica, elemento da realidade religiosa; outros assumiram papéis de guia na Associação; outros participam até o ponto tido necessário e prudente. Alguns de nossos irmãos aceitaram a consagração ou ordenação episcopal dentro e fora do âmbito da Associação. Na China existe o desejo de conhecer S. Francisco e a vida franciscana.

04 de outubro de 1989 (Da Carta à Ordem)

No carisma franciscano, como em «árvore plantada à margem dum rio» (Sl 1), desde o começo, foi manifesta a maravilhosa fecundidade da semente e a força de fermento evangélico, inserido na graça conferida a Francisco de Assis, chamado por Cristo a restaurar sua Igreja. Daquele chamado nasceu o povo «novo,



pequeno e pobre», que Jesus pediu ao Pai «nesta última hora», distinto daqueles que o precederam por sua pobreza e humildade (cf. FF 1617).

Essa árvore, qual «vinha eleita», apenas surgida, estende seus ramos sobre toda a terra (cf. FF 494), manifestou a novidade do Evangelho (cf. FF 1212) e a riqueza dos ramos, folhas, flores e frutos. O autor de Fioretti (cf. FF 1889), maravilhado ante essa árvore exuberante, contempla sua expansão, beleza, odor e virtude, e afirma que deseja confiar ao mistério sua capacidade inovadora e criativa ao futuro.

Há sessenta anos, no dia 26 de dezembro de 1929, novo broto apareceu na árvore: «LA Pequena Família Franciscana». Em seu próprio nome, aprovado pela Igreja, o novo broto carrega todo o sabor das origens e a atração daquelas virtudes, que brotam da raiz, como água límpida: a pobreza, a humildade, a pequenez procurada e desejada por amor daquele que por nós se despojou de sua onipotência e se fez pequeno e servo

14 de outubro de 1990 (Do Relatório ao Congresso Internacional dos Mestres de Profissão temporária)

O objetivo da Formação franciscana, durante o tempo da Profissão temporária, é estabelecido

por nossas Constituições gerais, art. 157: «Durante o período da Profissão temporária, a formação é realizada de modo a tornar o Frade apto a levar mais integralmente a vida na Ordem, realizar melhor a missão e preparar-se para fazer a profissão solene».

Considero de fundamental importância compreender, com clareza e precisão, “a essência” da formação durante o tempo da profissão temporária, assim como é definido em nossas Constituições gerais.

O art. 157 das Constituições gerais afirma que esse tempo é o da “formatio perficitur”, a saber, da “formação que se aperfeiçoa”. Sabemos, porém, que se pode aperfeiçoar somente aquilo que já foi começado e que também isso chega ao complemento, continuando o caminho já iniciado. Em outras palavras, aquilo que deve ser aperfeiçoado ou completado é a formação já iniciada no Postulantado e Noviciado. Por isso devemos concentrar-nos na compreensão de que coisa seja realmente a formação franciscana nessa etapa da profissão temporária.

Essa formação não tem um sentido genérico e indiferenciado de uma formação cultural-humanista, mas, de modo específico e prioritário, tem um sentido de formar ao seguimento de Cristo, segundo o estilo vivido e proposto por S. Francisco de Assis.

Mais alguém perguntará por que insistir na formação franciscana, coisa tão óbvia. Justamente porque isso parece óbvio, é, muitas vezes, esquecido ou não tomado suficientemente em consideração, dando lugar à compreensão superficial e não correta da formação franciscana.



11 de março de 1991 (Da Ratio Formationis Franciscanae)

Em conformidade com as orientações das Constituições gerais da Ordem dos Frades Menores e da Instrução “Normas diretivas sobre a Formação nos Institutos Religiosos”, obtido o voto deliberativo do Definitório geral no Congresso celebrado no dia 26 de fevereiro de 1991, segundo os Estatutos gerais, art. 62 §3, usando as faculdades que nos competem pelo cargo, com o presente decreto, aprovamos e promulgamos a

RATIO FORMATIONIS FRANCISCANAE e estabelecemos que seja válida para toda a nossa Ordem.

Além disso, estabelecemos que, segundo o art. 65 §1-2 dos Estatutos gerais, cada uma de nossas Províncias e Entidades competentes a tenham como orientação fundamental na elaboração da própria "Ratio Formationis", assegurando assim unidade e continuidade na formação inicial e permanente, com as devidas adaptações às diferentes exigências e situações.

23 de abril de 1991 (Do Relatório ao Capítulo geral - 1991)

Chegando ao fim desses últimos seis anos de serviço como Ministro geral, desejo apresentar esse relatório sobre algumas das principais atividades do Governo geral da Ordem durante o mesmo período, como também minhas observações sobre o estado da Ordem, hoje. Dividi meu relatório em três partes: a primeira parte é a prestação de contas sobre como o Definitório geral gestou os objetivos que haviam sido prefixadas para esse período de seis anos, no sentido de cumprir as decisões do último Capítulo geral; na segunda parte vamos expor alguns outros projetos que foram iniciados no mesmo período; a terceira parte oferece algumas reflexões pessoais sobre a Ordem hoje, baseadas em minhas visitas aos Frades em todo o mundo, especialmente nas áreas de missão, como também através de meus contatos com outros líderes religiosos de Roma.

02 de julho de 1991 (A Ordem e a Evangelização, hoje. Documento do Capítulo geral de San Diego, USA)

1. Nós Frades Menores, reunidos em Capítulo geral em San Diego - CA, Estados Unidos, por ocasião do V



Centenário da evangelização das Américas, estamos convencidos de que o Evangelho e a fidelidade ao carisma de S. Francisco nos encorajam a agir e a falar profeticamente como evangelizadores com renovado entusiasmo, segundo nossa condição de homens consagrados na Igreja. A evangelização, razão de ser da Ordem.

2. Em virtude de nossa própria vocação, somos uma Fraternidade evangelizadora enviada a todo o mundo, como o Filho foi enviado pelo Pai (Cf. Jo 17,18), para anunciar sob o mandato e em nome da Igreja (Cf. Mensagem de S.S. João Paulo II ao Capítulo geral, 1991, n. 5), como menores e sob ação do Espírito Santo, que o Reino de Deus está presente (Cf. Mc 1,15; CC.GG. 83-84) e para colaborar em sua edificação.

3. Convencidos de que nossa vocação evangelizadora é essencialmente profética, sentimos urgência em anunciar Jesus Cristo por todo o mundo e em todas as culturas, denunciar tudo o que se opõe ao projeto de Deus. Nossa condição profética exige que levemos a Boa Nova a toda a humanidade e, através de sua influência renovadora, transformá-la em criatura nova (cf. 2Cor 5,17).

4. Nossa vocação evangelizadora exprime-se de modo privilegiado quando os Frades, por divina inspiração, queiram ir entre os sarracenos e outros infieis" (Rb 12,1), para "levar entre os povos ou grupos, aos quais ainda não chegou o alegre anúncio, o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo e de ajudar os que já acolheram o Evangelho a construir a Igreja particular" (CCGG 117,2).



TEXTOS DE FR. JOHN VAUGHN



5. Estamos conscientes de que o modo franciscano de evangelizar requer o testemunho da Fraternidade, a experiência de Deus na contemplação, a preparação intelectual e o discernimento dos “sinais dos tempos”.

O testemunho da Fraternidade: nosso modo original de evangelizar

6. Reconhecemos que o primeiro e principal modo de evangelizar é “a silenciosa proclamação do Reino de Deus” (CCGG 89,1), realizada pelo conjunto dos Frades, “peregrinos e forasteiros neste mundo” (Rb 6,2). Tal testemunho evangélico empenha toda a Fraternidade, sem distinção entre clérigos e leigos, e coloca no centro das preocupações não os métodos nem as instituições nem as estruturas de pastoral, mas a qualidade evangélica de nossa vida. “Unidos segundo a mesmíssima Regra, a mesmíssima fórmula de profissão, o mesmíssimo nome e usando o

mesmo hábito” (Fala do Cardeal J. Hamer ao Capítulo geral, n. 6), nós, como Frades Menores, partilhamos a mesma responsabilidade em proclamar o Evangelho, não só com palavras mas também com o exemplo, juntamente com toda a Família franciscana, a saber, com as Irmãs da Segunda Ordem, com as Irmãs e Irmãos da Ordem Franciscana Regular e Secular e dos Institutos Seculares de inspiração franciscana (cf. CCGG 55-63).

7. Nossa experiência aqui, com os Frades de todo o mundo, possibilitou-nos de tomar consciência, com maior profundidade, sobre a universalidade do Evangelho. A convicção de sermos irmãos na missão nos impulsiona a uma relação de interdependência com todas as Irmãs e todos os Irmãos e com toda a criação. Em conclusão, esse chamado universal é parte integral de nosso modo franciscano de evangelizar, em nosso tempo.



PROCURAVA FAZER DE SERRA UM SANTO



©H. Lorren Au Jr., Registro Do Condado Da Laranja

(Artigo publicado em The Orange County Registrado por Gary A. Warner, 11 de julho de 2011).

Um habitante de Santa Ana espera pacientemente, na Missão de Santa Bárbara, notícias sobre um milagre feito por um missionário espanhol, que viveu há 200 anos. Um milagre grande que impulse o Vaticano a proclamá-lo novo santo.

Fr. John Vaughn, de 82 anos, dedicou seus últimos treze anos de vida pela causa do franciscano Junípero Serra, frade construtor de Missões, no século XVIII. A canonização espalharia a notícia sobre o apóstolo da Califórnia por todo o mundo.

“Deverá ser um santo para o mundo inteiro e não apenas para a Califórnia!” Disse Vaughn.

Vaughn é o vice Postulador da Causa, uma espécie de coadjutor para a Causa de Canonização de Serra. Fazendo um pouco as contas, Serra, mais que qualquer outro californiano, tem seu nome em estradas, escolas, montanhas e parques. Sua estátua está no Capitólio dos USA, representando a Califórnia.

Pode-se dizer que toda a vida de Fr. John Vaughn foi dedicada à canonização de Serra.

Vaughn cresceu na Rua Washington de Santa Ana e recorda ter trabalhado no mercado local fazendo tortillas a ser enviadas às tropas, durante a segunda guerra mundial.

“Ajudei os tamales e, ao mesmo tempo, aprendi um pouco de Espanhol” ele disse.

Escolha da vida monástica

Ao perguntar-lhe quando conhecera a vida de Fr. Junípero Serra, Vaughn sorriu. “Como todos na Califórnia,” respondeu, “na escola. Nela fiquei conhecendo Junípero Serra e as Missões. Também hoje é assim”.

Mas a história de como Serra tenha construído as primeiras nove Missões, das vinte e uma que estão na Califórnia, foi excitante para ele. Ele era coroinha na Missão São João Capistrano, única igreja remanescente das que foram edificadas por Serra.

“Quase cada dia ia pela estrada construída sobre os traços dos velhos Caminhos Reais”, dizia Vaughn, recordando as sendas percorridas por Serra e que recordavam as velhas Missões.

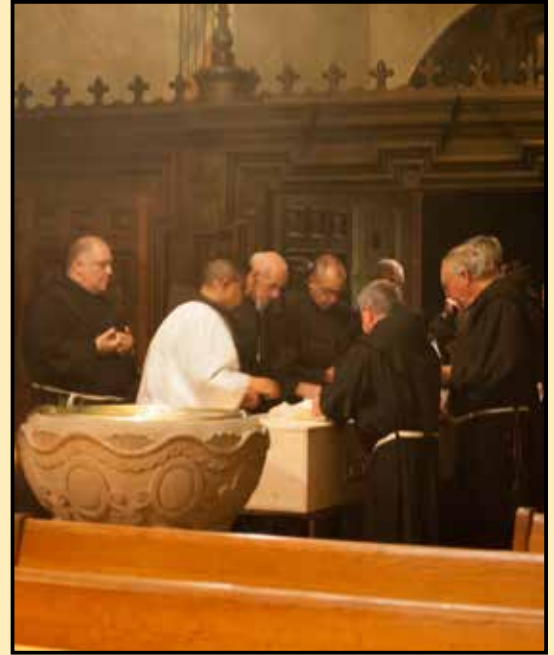
Após a escola elementar em S. José e a escola superior (Willard Junior high School), Vaughn achou-se inserido na simples vida proposta por S. Francisco de Assis e, em 1955, iniciou o caminho que o conduzirá na Ordem franciscana.

Vaughn viveu, ensinou e rezou em muitas partes da Califórnia e México, e trabalhou durante catorze anos em Roma. Desde 1979 até 1991, Fr. John Vaughn foi Ministro geral da Ordem franciscana, a saber, foi chefe de todos os Franciscanos no mundo. Sua vida religiosa foi plena em 1998, quando assumiu o empenho de promover a causa de Serra, figura muito importante para ele, desde a infância.

História completa: <http://www.oregister.com/articles/serra-307755-vaughn-miracle.html>



FUNERAL



© Jim Balsitis, Old Mission Santa Barbara

Discurso Funeral

Por Br. William Short, OFM.

“O Senhor te dê paz!”

A tradição diz que S. Francisco iniciava suas pregações com essa saudação. Permitti-me que, hoje, anuncie a paz do Senhor por outro motivo. E oremos para que nosso confrade, tio, amigo, docente, Mestre de noviços, Padre John Vaughn, possa experimentar essa paz, possa estar na paz do Senhor, com grande amor.

Apenas recebida a notícia de meu Ministro provincial Fr. David de que Fr. John, meu ex-Mestre, quando noviço, e amigo estava com o Senhor Deus, não fiquei angustiado ou chocado e nem amargurado. Ao contrário, senti quietude, quase um delicado afago com toque daquela céltica tristeza tão característica de Fr. John. Em agosto passado, havíamos falado longamente sobre o amanhã com Deus. E eu sabia que John olhava tal amanhã com grande serenidade e sem medo algum. Penso que, naquele encontro, nós nos estávamos dando adeus. ...

Nosso irmão John era um grande homem, maravilhoso amigo, Frade pleno de humanidade, homem rico de muita dignidade e, ao mesmo tempo, com profunda humildade. Suas qualidades eram muitas, mas não o tornavam soberbo. Toda a sua vida pode ser resumida em pôr em prática o esforço de lavar os pés dos confrades. ...

Na vigília de Pentecostes, os membros do Capítulo geral da Ordem o haviam eleito Ministro geral, com grande surpresa de muitos, e sua. Eu estava, então, ali presente como tradutor e, naquela mesma tarde, Fr. John me pediu para ser seu Secretário particular. Respondi-lhe: “Não sei nem mesmo o que significa ser Secretário do Ministro geral”. E sua resposta foi: “E eu também não sei o que quer dizer ser Ministro geral”. Naturalmente não podia recusar e ambos achamos que tínhamos a ajuda de outros confrades: Raymond Bucher, Bob Brady e o falecido Tomás Zavaleta, com os colaboradores Cristóforo Tomátis e Peter Williams.

Fr. John, como centésimo décimo sexto sucessor de S. Francisco no leme da Fraternidade por ele fundada, impulsionou a Ordem a novas metas. Visitou, às vezes até clandestinamente, os Frades que se achavam sob duras condições nos regimes totalitários de Governos da Europa oriental. Foi muito sensível aos frequentes pedidos a fim de expandir a Ordem na África e Ásia. ...

Existe o conto da “perfeita alegria”, no qual Francisco, com seu companheiro Fr. Egídio, se imaginava bater à porta e não ser acolhido em seu habitual convento de Santa Maria dos Anjos, no vale de Assis, numa noite de inverno, escura e tempestuosa. Algo semelhante aconteceu a esse californiano, sucessor de S. Francisco.

Fr. Cris Tomátis e Fr. John viajavam do Norte da Itália rumo a Roma, quando se achavam próximos de Bologna, numa noite de inverno, improvisa nevasca bloqueou a autoestrada que percorriam. Tendo entrado na cidade, Fr. Cris procurou chegar ao convento

dos Frades, naquela noite escura e de neve. Os dois, em civil, conseguiram achar o convento. Tocaram a campainha da porta. Depois de esperar um bom tempo, finalmente foi acesa uma fraca luz do lado de fora e um Frade abriu a porta. Fr. Cristóforo queria dizer de estar em companhia do Ministro geral, mas Fr. John disse que dissesse simplesmente que eram dois Frades de Roma, impedidos de prosseguir a viagem por causa da nevasca. O Irmão perguntou: "O que fazem em Roma?" Fr. John, piscando um olho, respondeu: "Trabalhamos na Cúria". O Frade, talvez ainda um pouco desconfiado, os fez entrar e sentar-se, dizendo: "Imagino que quereis comer algo". Responderam que sim, assim os guiou até a cozinha e trouxe um pão e queijo, e disse que devia chamar o Padre Guardiã. Daqui a pouco, já tarde da noite, o Guardiã veio ao refeitório, enquanto os dois comiam frugalmente. Chegou, depois ainda outro Frade, e ainda outro, acordado pela confusão. Quando o Guardiã perguntou aos dois qual trabalho faziam exatamente na Cúria, um frade, apenas chegado, notou que um dos dois Frades se assemelhava muito a quem aparecia no retrato pendurado na parede do refeitório. Com um piscar de olhos feito ao Guardiã e um dedo apontando a foto na parede, o mistério foi resolvido e os dois visitantes foram reconhecidos como seu Ministro geral e o Secretário. Logo começou o beija-mãos e os muitos "Reverendíssimo" e água foi esquentada para preparar massa. E a refeição leve

transformou-se em gostosa massa, regada a bom vinho buscado na adega, e com grande prazer de Fr. Cristóforo, pois as coisas começavam a ter um sentido justo. Contudo, o comentário de Fr. John foi: "Recordate, Fr. Cristóforo, que os confrades nos convidaram e nos ofereceram de comer e dormir, bem antes que soubessem quem éramos". ...

Enquanto, nessa manhã, pensavam como concluir essa minha fala, recebi e-mail de Fr. Romain Mailleux, de Bruxelas, que foi o Vicário e amigo de Fr. John. Ele me havia enviado seus pêsames, juntamente com suas eloquentes palavras de adeus, ditas no encerramento do Capítulo geral, em 1991, no fim do mandato de Fr. John como Ministro geral. Permitam-me de concluir, também hoje, minha fala com as palavras de Fr. Romain:

"Caro irmão Ministro, tu és para mim um verdadeiro Frade menor, segundo a imagem que dele fazia S. Francisco. E tu encorajas a cada um de nós a também sê-lo, porque tu sempre acreditaste em cada um de nós. Desse modo, unes as virtudes de todos os Frades da Ordem, e teu rosto está radiante por causa de tantas belezas que descobriste e evocaste nos outros. São Francisco deve estar orgulhoso de ti, como todos nós somos de ti. Obrigado por aquilo que foste entre nós e conosco. Seja ontem como hoje; hoje como amanhã."

O Senhor te abençoe e te seja sempre vizinho.
Obrigado, irmão John!





Obrigado
Fr. John Vaughn, OFM